



Pelas veredas do trabalho e da tecnociência na obra de Henrique Lima Vaz

The paths of labor and techno-science in the work of Henrique Lima Vaz

Ênio José da Costa Brito*

Resumo: Este Essay Review visita a tese de Atilio Machado Peppe intitulada Trabalho e tecnociência na ética filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz. O autor recorre a obra de Lima Vaz para iluminar valores presentes nos novos tipos de comunidades éticas. As Comunidades ético-político-laborais (CEPOLS) articuladas com Estados Democráticos cultuam laços comunitários capazes de potencializar esforço de humanização do trabalho e da tecnociência. O artigo depois de percorrer a estrutura da tese apontando questões relevantes e trazendo observações, finaliza tecendo breves considerações.

Palavras-chave: Trabalho. Tecnociência. Ética filosófica. Comunidade ético-político-laborais. Humanização.

Abstract: This Essay Review visits Atilio Machado Peppe's thesis entitled "Work and technoscience in the philosophical ethics of Henrique Cláudio de Lima Vaz." The author uses Lima Vaz's work to illuminate the values of the new types of ethical communities. The Ethical-Political-Labor Communities (CEPOLS) articulated with Democratic States emphasize community bonds capable of humanizing work and technoscience. After reviewing the thesis's structure and pointing out relevant issues and observations, the article concludes with brief considerations.

Keywords: Work. Techno-science. Philosophical ethics. Ethical-political-labor community. Humanization.

A leitura de uma tese que se insere numa linhagem de pesquisas é muito rica pelas relações que sugere, pelas comparações possíveis e pelos nexos mais densos que podem ser tecidos. A tese de doutorado de Atilio Machado Peppe intitulada *Trabalho e Tecnociência na Ética Filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz* situa-se nesse grupo.

À luz do pensamento vaziano

a tese examina as virtualidades e limites dessas novas experiências sociais [Comunidades ético-político-laborais – CEPOLS] na construção de uma Ética Filosófica, capaz de potencializar as melhores condições de realização histórica da liberdade. São profundamente comprometidas com os vetores de humanização do trabalho e da tecnociência. (Peppe, 2020, p. VII).

* Professor Titular do PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). ORCID: 0000-0002-7730-0760 – contato: brbrito@uol.com.br

Recorro para abrir nossa análise as precisas observações sobre o pensamento de Lima Vaz, escrita por Candido Mendes por ocasião de seu falecimento. Para o autor, Lima Vaz foi o grande inspirador entre nós de uma reflexão pós-moderna, que equilibrava a relação fé e razão, relacionada com o existir cristão. Lima Vaz inspirou, ainda, uma geração de jovens brasileiros, que tinham tomado consciência da situação sócio-política brasileira, marcadamente excludente e opressora, buscando formular uma teoria para a práxis social desses jovens pertencentes a Ação Católica. Na tese, temos uma menção a eles, “jovens engajados em movimentos eclesiais politizados” (Peppe, 2020, p.74)¹.

Para Candido Mendes, Lima Vaz está entre os melhores conhecedores de Platão e Aristóteles entre nós. Sua exegese das Idades Médias é primorosa, como também o é a leitura que realiza de Tomás de Aquino, mesmo em face de Aristóteles Profundo conhecedor de Hegel, seus escritos sobre ele são a prova clara de uma recepção profunda do pensamento hegeliano. Ao renovar a metafísica da existência libertou-nos do pietismo metafísico, tão em moda, complementa Candido Mendes.

Temos em mãos uma tese escrita com cuidado e paixão, de leitura nada fácil pela profundidade das análises e pelo volume do texto. Na minha experiência de leitura, me lembrei de Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*, que para atravessar o Liso do Sussuarão e vencer Hermógenes fez uma pacto com o Demo, não cheguei a tanto, só mantive a quarentena cidadã².

Comentários

Início os comentários olhando a *Introdução* que aponta alguns desafios, como a necessidade de compreender a tragédia no ético da modernidade, tragédia exacerbada na atualidade; desafio para o pensar filosófico diante da cisão estrutural da modernidade, isto é, o de “pensar um novo horizonte ético pluriversal dialógico”(p.21).

Importante, já na *Introdução* ter pontuado o “modus operandi filosófico” de Lima Vaz, frente aos enigmas, as aporias histórico filosóficas contemporâneas, mostrando que ele recorre criativamente a “rememoração pensante”, capaz de captar o tempo passado e presente no conceito. Não só deixou claro o objeto de pesquisa, como o delimitou bem: “como a compreensão filosófica vaziana permite situar o trabalho humano, subsumido pelo expansão vertiginosa da tecnociência (sobretudo a partir do segundo quartel do século XX) (p.25). Numa visão geral, a *Introdução* cumpre e bem o seu papel de preparar os futuros leitores (as) para uma boa recepção do texto

Construção vaziana da ética filosófica é o título do capítulo primeiro, que acolhe o desafio de detectar as singularidades da contribuição de Lima Vaz no âmbito do pensamento filosófico brasileiro, com destaque para o processo de construção da ética filosófica e a compreensão do trabalho humano.

1 Passaremos a indicar somente a página da Tese.

2 Para uma análise do Demo em *Grande Sertão: Veredas* ver ROSENFELD, K. Os descaminhos do demo: tradição e ruptura em *Grande Sertão: veredas*. São Paulo: Imago/ Edusp, 1993.

Para Lima Vaz, o agir ético possui uma estrutura tridimensional, constituída pelas ações do sujeito ético (estrutura subjetiva) atuando numa comunidade ética (estrutura intersubjetiva) sempre de acordo com as regras de um certo ethos (estrutura objetiva). Constatação que nos leva a perguntar pela elaboração da categoria de intersubjetividade no pensamento vaziano³. Para Lima Vaz, o indivíduo humano monadicamente isolado em qualquer uma de suas manifestações existenciais é uma abstração. O primeiro passo para a efetivação concreta, para a auto afirmação do sujeito como eu é seu encontro com o outro. A reciprocidade se estabelece no nível da relação com o outro.

O capítulo segundo intitulado *Compreensão filosófica do trabalho* apresenta uma cuidadosa arqueologia das questões relacionadas com o trabalho, revisitando textos e artigos de Lima Vaz. Pontua que, o trabalho é tomado pelo filósofo como “princípio basilar”, enquanto expressão direta da pessoa humana.

O trabalho humano em suas múltiplas modalidades continua sendo uma das experiências das pessoas e grupos nas sociedades. O mundo do trabalho, no envolver dos processos socioeconômicos e enquadramentos profissionais das ações humanas, absorve pelo menos metade do tempo de vida e das energias de bilhões de indivíduos do planeta. Precisamos trabalhar tanto para sobreviver como na busca de realização das potencialidades humanas enquanto pessoas inseridas em grupos e instituições imersas nos mecanismo sociais de divisão do trabalho (p.71)

O Capítulo pode ser emoldurado numa pergunta e numa resposta de Lima Vaz: a pergunta axial com relação a filosofia marxiana: “seria intrinsecamente materialista- ateia ou teria permeabilidade à enculturação das categorias e valores essenciais do humanismo cristão? Resposta: “Marx logrou a proeza de construir um materialismo histórico rigorosamente imanentista e absolutamente impermeável às perspectivas filosófico-teológicas do humanismo cristão” (p.78).

Um dos tópicos que chama atenção é o da “Reclusão do conceito vaziano de trabalho”

É certo que a elaboração filosófica de Lima Vaz em torno da categoria *trabalho* no contexto histórico da socialização sublinhada pelo ensino social da Igreja, agudizada pelos acontecimentos cruciais das décadas de 1950 e 1960, não prosperou na academia e na vida política e eclesial brasileira. A nosso ver ocorreu uma intrigante *reclusão do conceito vaziano de trabalho*, que parece proveniente de quatro razões principais (p. 96)

Peppe enumera em seguida as razões: a elaboração teórica vaziana publicada em 1966 chega um pouco tarde em relação ao apogeu da militância política crítica dos jovens (JUC e AP); os “órfãos” dos movimentos da Ação Católica já tinham se abrigado nas novas “pastorais populares” ligadas as CEBs; a cultura secularizada difusa nos ambientes intelectualizados rejeitavam abordagens filosóficas correlacionadas com temas espirituais e teológicos e a quarta e principal causa de reclusão daquela concepção “ a percepção pioneira da *transformação epocal* das relações de trabalho e da própria civilização do trabalho (p.98).Na contramão de certo modismo cultural, “Lima Vaz investe no estudo aprofundado sobre as raízes da mutação civilizacional em curso trazida pela

3 Para uma compreensão da categoria ver LIMA VAZ, Henrique C de. “ Categoria da Intersubjetividade”. Antropologia Filosófica II. São Paulo Loyola, 1992, p.49-91.

expansão triunfal do capitalismo globalizado associado à revolução tecnocientífica, em paralelo com a implosão do sistema socialista soviético” (p.98).

A leitura do capítulo terceiro *Compreensão filosófica do trabalho* suscitou da minha parte reflexão e uma constatação: as considerações sobre a TdL poderiam ser mais matizadas, seja na página 24, onde o autor sinaliza os conflitos que Lima Vaz enfrentou ao longo de sua carreira; seja nas considerações apresentadas nas páginas 97 e seguintes.

Tendo aberto a discussão sobre o uso da “Análise Marxista pela TdL”, faz-se necessário pensar nos leitores, pois estão distantes dessa problemática. Sugere-se, pois, uma bibliografia que possa ajudá-los a acompanhar toda a discussão. A carta do padre Pedro Arrupe, de 8 de dezembro de 1980, sobre o uso da “Análise Marxista” na pastoral, traz uma importante distinção entre filosofia e política marxista. Arrupe (1981) abre a carta com a seguinte pergunta: pode um cristão fazer sua a Análise Marxista? Ao longo da carta oferece inúmeras considerações sobre o uso da Análise Marxista pelos jesuítas, especialmente, latino americanos.

Menciona a “virada eclesiológica” ocorrida no pontificado de João Paulo II (1978-1985), o livro clássico de João Batista Libânio *A volta da grande disciplina* contribui e muito na contextualização da conjuntura eclesial e na compreensão das opções eclesiais do Pontífice (Libânio, 1983). Importante também citar a *Primeira e Segunda Instrução* sobre alguns aspectos da TdL, a segunda *Instrução* foi seguida de uma Carta de João Paulo II ao episcopado brasileiro, em 9 de abril de 1986, onde diz expressamente: “A TDL não só é oportuna mas útil e necessária” (Sagrada..., 1986).

Pensando nas reflexões que me ocorreram, aponto uma relacionada com as ressignificações do trabalho, que acontecem na atualidade e na aproximação cada vez mais do mundo inorgânico pelos seres humanos, tendo presente um nexos constitutivo entre técnica e escravidão. Uma questão pode ser formulada: será que a hipertrofia dos dispositivos tecnológicos não está produzindo uma nova e inaudita escravidão? Tem-se, hoje, a sensação de que está ocorrendo a perda da centralidade da antropologia (p.98) para uma antropotécnica. Penso que reflexão de Lima Vaz sobre o trabalho humano, oferece inúmeros dados para se pensar criticamente sobre esta metamorfose.

Depois de ler *Supremacia problemática da tecnologia* (capítulo quarto), pensei que poderia abri-lo com um dístico retirado de uma afirmação de Fernando Braudel: “a técnica talvez seja apenas o corpo, não alma da civilização” (p.113, nota 89).

Nele, o autor aponta um rosário de tarefas fundamentais para nossa época (p.133). Indico apenas algumas: necessidade de uma integração exponencial entre ciências, trabalho, tecnologias e técnicas; criação de novas possibilidades de humanização de trabalho; urgência em conciliar o universal da razão [tecno]científica e o particular das diversas tradições culturais e necessidade de organizações formais desenvolverem os valores comunitários no local de trabalho (p.138).

Ao tomarmos contato do diálogo de Lima Vaz com autores do porte de Jean Ladrière (p.121), Umberto Galimberti (p.138), Heidegger (p.134) e Hans Jonas (p.140) temos uma noção clara da envergadura filosófica do autor estudado.

Peppe levanta uma questão que merece ser destacada: “É possível alcançar uma caracterização satisfatória desse ethos universal da [tecno]ciência que viria a ser, sem contestação, o mais poderoso fator de unidade cultural e espiritual jamais aparecido na

história humana” (p.133). Pistas são apresentadas para uma possível resposta a questão proposta.

Somos lembrados que tanto Lima Vaz como Jean Ladrière “concorda[m] que a *tecnociência* é portadora de uma *ontologia implícita* com viés de *autofinalização* dos aparatos técnico-científicos em detrimento das exigências normativas da ética na vida cultural (p.139). Por outro lado, Lima Vaz não concorda com Galimberti, isto é, não assume uma posição niilista de considerar a técnica impermeável a ética (cf. p.139).

Peppe chama atenção para a problemática da fundamentação da objetividade da ética no pensamento de Lima Vaz, ela se dá na “abertura ontológica da pessoa para a infinitude, conectada com a relação intersubjetiva aberta à infinitude do Outro que repõe a exigência do *Absoluto real* transcendente na contextura da história” (p.141-142).

Assim, como abri o comentário desse capítulo com um dístico, finalizo com uma frase de Hans Jonas extraída do livro *Técnica, Medicina e Ética*: “O saber científico carece de um renovado saber sobre a essência do homem e sua posição no Universo” (Jonas, 2013, p. 53).

Ao esmiuçar o processo histórico de emancipação do trabalho (p.159), o autor convida-nos a pensar nos riscos de se subestimar a relevância ético-política dos indivíduos ao minimizar a capacidade humana de transcender a suposta determinação econômica.

No longo capítulo quarto, *Humanização do trabalho e da tecnociência*, o autor elege como interlocutor Marx, escolha já anunciada na abertura quando escreve:

partimos da perspectiva crítica de Lima Vaz com relação às inconsistências ontológicas e políticas de Marx e dos marxismos, do historicismo idealista hegeliano, assim como do utopismo prometeico da ideologia produtivista e tecnocrática do liberalismo economicista” (p.146).

Vale lembrar que Lima Vaz

no diálogo com o Marxismo de Marx, atenta à primazia dada por ele ao trabalho enquanto atividade constituidora do ser humano e da história. Nesse sentido, Lima Vaz identifica o melhor de Marx na sua exigência de estrita racionalidade e na sua técnica rigorosa de análise, em que se percebe o quanto Marx pode ser considerado um discípulo de Hegel. Essa filiação hegeliana confere indelevelmente identidade filosófica ao pensamento de Marx (Delmar Cardoso)

O autor depois de dialogar com a teoria marxiana e seus interpretes, trata das comunidades ético-político-laborais (CEPOLS), que articulam a gênese dialética dos homens como ser histórico.

Nossa concepção de CEPOL, expressa necessariamente aquela ‘dialética do trabalho e da palavra’ ressaltada por Lima Vaz: ‘implicando a comunidade dos sujeitos desde sua situação no mundo e a tarefa concreta de seu reconhecimento, é, assim a dialética fundamental da história. Ele articula a gênese dialética do homem como ser histórico’ (p. 176-177).

Com uma menção a Ernst Bloch (Cf. p.167), menção muito breve, que merece ser ampliada, pela simples razão, que mesmo sendo ateu, Bloch (2009) queria recuperar o

senso de autotranscendência, que via nas tradições místicas da humanidade⁴. Ele exerceu uma forte influência sobre importantes teólogos como Jurgen Moltmann, Joseph Metz, Rubem Alves entre outros.

A presença do ideal de liberdade laboral e técnicas afetivas foi exemplificado com as atividades artesanais da Idade Média, exemplo correto. No entanto, pode-se dar um toque mais nacional, ilustrando a temática com as atividades laborais exercida nos Quilombos. Eles eram e são espaços de resistência, mas também projetos de bem viver. Outro exemplo é o dos negros livres trabalhadores, que se reuniam nos “cantos” em Salvador-Bahia⁵. Em 1857, promoveram uma greve para defender seus trabalhos. O último livro de João José Reis *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia* é dedicado a eles (Reis, 2019).

Pensar nas comunidades reinventadas pelas comunidades éticas, políticas-laborais que deitam raízes, na aspiração profunda de liberdade efetiva e bem viver inerentes às pessoas morais essencialmente abertas ao Absoluto real da existência e ao conseqüente reconhecimento dos demais, aponta para o desafio de criar condições para que ocorra a passagem da universalidade abstrata para uma universalidade concreta.

Finalizando o capítulo, temos uma menção importante a contribuição da noção contemporânea de CEPOL a filosofia vaziana, particularmente, quando se leva em conta o complexo itinerário dialético da relação de trabalho no interior do processo de socialização humana.

Essa noção contemporânea de CEPOL, considerada como aporte conceitual oportuno para o enriquecimento da filosofia vaziana, ressalta, pelo seu componente laboral constitutivo, o movimento dialético de elevação da relação trabalho objetiva (finis operis) para o plano superior da socialização intersubjetiva (finis operantis). Esta, de certa forma, antecipa a configuração típica da comunidade política maior na qual se desenvolvem as interações mais avançadas de *reciprocidade* socialmente organizada característica da *eticidade concreta* (p.175-176).

Afirmção que prepara uma inferência oportuna que busca atualizar o pensamento vaziano:

Estamos convictos de que sem a presente ampliação semântica do conceito vaziano de *comunidades éticas* nos termos que atribuímos à figura das CEPOLS, não há espaço para a afirmação da relevância e até da pertinência do *comunitarismo ético*, político ou laboral nas sociedades contemporâneas da civilização tecnocientífica (p.189).

Emergência história das CEPOLS é o título do capítulo quinto, de perfil histórico dá um passo a mais aprofundando a compreensão explicativa da emergência dessas novas formas históricas de organização técnico-laboral desde a Idade Média até a contemporânea. Apresenta, pois, contextos históricos e experiências com suas lutas, acertos e desacertos, que propiciaram eclosões específicas de comunidades éticas de feitiço laboral e CEPOLS.

4 Na bibliografia o importante livro de Bloch *Princípio da Esperança* está citado em francês, há uma edição em português publicado pela Contraponto em 2005-2006. Publicação cuidadosa com notas e comentários

5 “Por *cantos* ficaram conhecidos os grupos de trabalhadores escravos ou libertos, africanos ou crioulos, ‘que se reuniam para oferecer seus serviços em locais também delimitados da geografia urbana’” (Albuquerque, 2009, p.280).

Muito peculiar o uso dos adjetivos no texto, uso correto, mas que tem uma assinatura. O autor recorre a eles com muita frequência para marcar sua posição frente a questões teóricas ou práticas. Entre os adjetivos preferidos temos: suposto, autêntico, efetivo, verdadeiro e pretense, estes e outros têm uma presença mantrica no texto da tese.

Voltando ao capítulo, chamo atenção para sua importância, pois nele temos um passo a mais na atualização e ampliação da pertinência teórica empírica contemporânea da noção filosófica de comunidade ética.

A maioria dos pesquisadores estuda a multiplicidade de organizações humanas por meio de aproximações teóricas e conceitos pouco familiarizados com o fenômeno singular denominado comunidades ético-político-laborais. A categoria CEPOLS é uma peculiaridade deste estudo decorrente do esforço de ressignificação do conceito comunidade ética, absolutamente central na construção da ética e da filosofia política vaziana. Nossa conceituação destina-se a atualizar e ampliar a pertinência teórica e empírica contemporânea da noção filosófica de comunidade ética (p.205).

O capítulo final *Mutação civilizacional em Curso* faz eco e contraponto ao primeiro no qual a ética filosofia de Lima Vaz apontava para o processo de mutação civilizacional, que tornava incerto o destino do ser humano e do cosmos.

Na esteira teórica e prática do pensamento vaziano, sinaliza que a gestão de uma nova civilização, entre outras coisas passa pela eclosão e disseminação mundial do Estado Democrático de Direito, que para o autor, é protótipo por excelência dos arranjos societais CEPOLS.

Menciona brevemente a *Economia de Comunhão* (p.266). A título de informação no Programa de Estudos Pós Graduated em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo encontramos dois significativos trabalhos, que nos introduzem no universo da *Economia de Comunhão*. O mestrado de João Manuel de Silva Mota, *Da cooperação à comunhão: ciência, movimentos sociais e processo civilizatório*, defendido em 2004 e o doutorado de Iracema Andreia Arantes (2016), *Economia de Comunhão: Nicho ou possibilidade de generalização*. Uma análise a partir do *Ágape*, defendida em 2014. Publicada em livro com um longo prefácio de um estudioso da Economia de Comunhão Luigino Bruni.

Sabemos que o termo grego *anamnese*/memória se opõe a *amnésia*. Pois bem, um problema que nos aflige, é muito bem lembrado: como num mundo que gradualmente e sistematicamente perdeu a “memória metafísica”, é possível resgatá-la, para reencontrar o ser através da densa rede dos objetivos científico-técnicos que nos envolvem sempre mais segundo Lima Vaz. Uma pista apresentada para refazer o caminho é de levar em conta

a fundamentação analógica do ato de existir(*ipsum esse*) inerente à perfeição do *Existente absoluto (ipsum Esse subsistens)* atingida no dinamismo intencional da afirmação judicativa, ao campo da Ética filosófica e suas exigências praxiológicas na vida das pessoas e dos grupos sociais” (p.252).

Pontuações finais

A apresentação feita nem de longe dá conta da riqueza de reflexões e informações que a tese generosamente oferece aos seus futuros leitores (as). Tentou-se, sim, uma primeira aproximação, que quer ser um convite para a leitura.

Nesses breves comentários finais, faço um comentário sobre o autor da tese e aponto desafios que ela nos apresenta, tendo presente um pensamento de Ernst Bloch, o real, porque está incompleto exige nossa participação e nossos desejos.

Começo por apontar um sinal marcante da maturidade do autor da tese, ao longo de toda em nenhum momento deixou de se posicionar criticamente frente as questões por mais espinhosas que fossem. Exemplifico, depois de mencionar a força moral de originalidade e criatividade das redes de economias alternativas pontua: muitos de seus discursos não ultrapassam o teor exortativo (moral, político, religioso e cultural) (p.268). São inúmeros os contrapontos presentes na tese, sempre muito esclarecedores.

Quanto a metodologia aplicada pelo autor, ele recorreu ao método dialético vaziano/hegeliano de rememoração discursiva histórico-reflexiva aplicada ao objeto de estudo.

Uma palavra, ainda, sobre a forma do texto. Ele tem uma característica circular que marca o processo de construção do mesmo. Em vários momentos parece ser um texto tautológico, parece estar repetindo, na verdade o que acontece é a utilização das mesmas chaves em outro contexto e isto torna o texto muito interessante, pois, sua forma tem algo de mítico.

Enumeramos em seguida alguns desafios em forma de questões: quais as chances de nossa civilização de “reintegrar virtualidades da modernidade à luz de um horizonte ético-político-laboral mais consistente de caráter pluriversal dialogal norteado pelo bem viver” (p.247). Como recompor, nas condições do mundo atual a comunidade humana como comunidade ética e como fundar sobre a dimensão essencialmente ético do ser social a comunidade política. Como desvincular o destino Político do Ocidente do destino da Revolução como mito, reconhecer os problemas legítimos da sociedade política tão atuais? (Cf.p.258). Como superar o individualismo solipsista tão presente no mundo contemporâneo que pode esterilizar a vivência das comunidades éticas no mundo contemporâneo? (Cf. p.274).

Frente ao rosário de desafios *Trabalho e tecnociência na Ética Filosófica de Henrique Claudio de Lima Vaz* abre inúmeras veredas a serem trilhadas.

Para Peppe,

as autênticas comunidades ético-políticas-laborais, arranjos sociais fundamentais para a consecução da civilização do *bem viver* segundo o novo *horizonte pluriversal dialogal* de integração ético-política da vida social propugnado pela filosofia vaziana, rejeitam, por definição, o utopismo prometeico incisivamente criticado pelo antiutopismo democrático vaziano. Em contraposição, o Estado democrático de direito inventado pela política ocidental contemporânea a partir do antigo Estado de direito, refulge como CEPOL paradigmática de todas as micro e macro comunidades ético-político-laborais, não obstante suas imperfeições e graças à sua perfectibilidade histórica (p.259).

Trabalho e tecnociência na Ética Filosófica de Henrique Claudio de Lima Vaz merece por daqueles(as) que se preocupam com a preservação de valores éticos no âmbito do trabalho humano e pensam no bem viver da classe trabalhadora.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. O jogo da dissimulação. Abolição e cidadania no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARANTES, Iracema Andreia. Economia de Comunhão. Nicho ou Novo Paradigma. São Paulo. Cidade Nova, 2016.

ARRUPE, Pedro. Análise marxista. São Paulo: Loyola, 1981. (Ignatiana, 17).

BLOCH, Ernst. O Princípio da Esperança. Vol 1.2.3. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Eduerj, 205-206.

BLOCH, Ernst. Thomas Münzer teologo della rivoluzione. Roma Feltrinelli, 200

BRITO, Ênio José da Costa. O Extraordinário movimento paradista dos Ganhadores na Capital da Bahia (1957). *Antigona*,13. Publicação do Toro- Escola de Psicanálise, p. 197-214, Maceió: EDUFAL, 2020.

COSTA, Iraneidson Santos. O que disse Claudio Perani sobre Marx? Reflexão a partir de uma documento inédito. *Cadernos CEAS*, n.244, p.301-331, 2018.

JONAS, Hans. Técnica, Medicina e Ética. Sobre a prática do princípio responsabilidade. São Paulo: Paulus, 2013.

LIBÂNIO, João Batista. A volta da grande disciplina. São Paulo: Loyola 1983.

LIMA VAZ, Henrique C de. "Categoria da Intersubjetividade". *Antropologia Filosófica II*. São Paulo Edições Loyola, 1992.

MENDES, Candido. Padres Vaz e a pós-modernidade cristã. Folha de São Paulo, terça feira 23 de julho de 2002.

MOTA, João Manuel de Silva, Da cooperação à comunhão: ciência, movimentos sociais e processo civilizatório. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

PEPPE, Atilio Machado. Trabalho e Tecnociência na Ética de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Doutorado em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020

REIS, João José. Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ROSENFELD, K. Os descaminhos do demo: tradição e ruptura em Grande sertão: veredas. São Paulo, Imago/ Edusp, 1993.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. Instrução sobre alguns aspectos de teologia da Libertação, 6 de agosto de 1984. Roma: Editrice Vaticana.

Submetido em: 03/03/2022

Aprovado em: 21/11/2022

Editor responsável: Fábio L. Stern